ENTRE SANTOS E ORIXÁS: A IMAGINÁRIA CATÓLICA NA CONFLUÊNCIA ENTRE O CATOLICISMO E AS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS[1]

Maria José Spiteri Tavolaro Passos
Universidade Cruzeiro do Sul (docente)
mjspiteri@uol.com.br
Mozart Alberto Bonazzi da Costa
PUC/SP / UNICID (docente)
macbonazzi@uol.com.br

RESUMO

A partir do século XIV, as imagens devocionais, tridimensionais, ganhariam espaço nos altares presentes nos templos católicos. A partir da XXV Sessão do Concílio de Trento, dirigiu-se uma maior atenção aos objetos escultóricos e pictóricos nas igrejas como recursos para a reafirmação e o fortalecimento da fé e do espírito devocional.As diretrizes tridentinas chegaram oficialmente ao Brasil sob a forma de um conjunto de normas publicado nas *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia*, que orientava diversos aspectos relacionados ao universo católico no Brasil, entre eles a configuração dos templos e o modo de expor nos retábulos as imagens devocionais. Posteriormente cultos afro-indígenas brasileiros como a umbanda, também adotaram em seus espaços sagrados o uso de altares (Congás) sobre os quais se expõem, entre outros objetos, imagens dos santos católicos, sincretizados com divindades e outros seres ligados à outras tradições culturais, não necessariamente cristãs. O presente artigo apresenta um estudo comparativo, entre os altares católicos e os Congás umbandistas, buscando detectar possíveis migrações de modelos, que remetam à influências representativas de diferentes culturas ocorrentes no Brasil, sobretudo a católica e romana, e possíveis reminiscências na religiosidade afro-indígena.

Palavras-chave: Altar cristão. Congá. Retábulo. Catolicismo. Umbanda. Imagem religiosa.

APRESENTAÇÃO

A partir do século XIV, as imagens devocionais, tridimensionais, ganhariam espaço nos altares presentes nos templos católicos, constituindo a *Biblia pauperum*, tornando-se mais naturalistas e se aproximando, de uma representação realística, embora idealizada da forma humana. As imagens sacras receberiam especial atenção, na XXV Sessão do Concílio de Trento, quando se encontraria nestes objetos escultóricos e pictóricos, recursos para a reafirmação e o fortalecimento da fé e do espírito devocional. Em atendimento ao decoro e à "verdade histórica" dos santos, se passaria a observar as representações com maior rigor, excluindo-se quaisquer menções a textos apócrifos e afins.

Nas Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia, uma adaptação das diretrizes conciliares tridentinas ao contexto brasileiro e sul-americano, se determinaria a exposição no ponto mais alto do retábulo, da imagem de Cristo Crucificado (sendo a cruz apoiada sobre um pedestal), da Virgem Maria, São Pedro ou do orago local.

Em contexto posterior relacionado a cultos ligados à matriz afro-indígena no Brasil, desenvolveram-se à margem da tradicional ritualística romana, os gongás (ou congás), altares que receberiam entre outros objetos, imagens dos santos católicos, sincretizados com os Orixás e imagens representando Caboclos e Pretos Velhos.

Algumas peculiaridades e especificidades comuns aos dois sistemas eclesiológico-ritualísticos, católico e afro-indígena-brasileiro, podem ser detectadas, como características que guardam mais do que aparências coincidentes, como a exposição da imagem de Cristo (sincretizado com a figura de Oxalá) no alto dos altares umbandistas, ladeada por outras imagens, geralmente correspondentes aos Orixás regentes das coroas dos dirigentes de cada templo.

O uso de imagens católicas nos congás umbandistas se faz presente desde o que se considera como o primeiro templo desse culto, a Tenda Nossa Senhora da Piedade, criada em Niterói (RJ) em 1908, onde se expunha a imagem do orago ladeada por diversas outras, também católicas.

[1] Nossos agradecimentos a todos os que dividiram conosco o seu grande conhecimento a respeito de diferentes aspectos dos cultos de influência afro-indígena brasileiros: Alexandre Cumino, Armando Ferrazzi Jr., Janaína de Cassia Ruella, Marcelo Ferrari, Nelson Ferreira Dias, Rodrigo Queiroz, Ronaldo Linares e aos templos e instituições que nos receberam: Casa de Pai Benedito de Aruanda (São Caetano do Sul, SP), Casa de Velas Santa Rita (São Paulo, SP), Centro Espírita de Umbanda Caboclo Itapuarê (São Paulo, SP), Colegio de Umbanda Sagrada Pena Branca (São Paulo, SP), Imagens Bahia (São Paulo, SP), Núcleo Umbandista e de Magia Caboclo Flecha Certeira e Pai Manuel de Arruda (São Paulo, SP), Santuário Nacional da Umbanda (São Bernardo do Campo, SP), Templo de Umbanda Sete Porteiras. (Francisco Morato, SP), Templo Escola de Umbanda Sagrada, Egrégora Trabalhadores da Fé e da Verdade (Bauru, SP).

A que se deve esta múltipla exposição de imagens sagradas nos altares umbandistas? É possível que essa configuração em um único altar, remeta a descrições da composição de altares católicos anteriores ao Concílio Vaticano II.

A Umbanda é aqui compreendida como uma religião brasileira, que associa elementos das religiosidades católica, africana, indígena, espírita e esotérica. Assim, encontramos em seus templos e práticas, elementos extraídos de diferentes culturas religiosas como o contato com espíritos de pessoas por meio da incorporação em atividades mediúnicas, o culto aos orixás e o sincretismo com os santos católicos, entre outras.

Verificou-se que assim como ocorre no espaço católico, no umbandista surgiu a necessidade da construção de estruturas para a exposição de imagens abrindo possibilidades para o estabelecimento de analogias entre os altares católicos e os umbandistas e do respectivo uso de imagens, tomando como referencia templos do Rio de Janeiro e de São Paulo.

O ALTAR NO UNIVERSO CRISTÃO

A busca pelo estabelecimento de um contato entre o divino e o humano está na raiz das religiões. Nos templos, o ponto que representa esse contato, constitui o local mais sagrado. Nos católicos é chamado de *Sancta Sanctorum* (santo dos santos), onde se ergue a mesa de altar sendo, o mais famoso do mundo católico, demarcado pela presença do baldaquino da Basílica de São Pedro, em Roma.

No Antigo Testamento, Jacó em uma viagem para buscar sua noiva, pernoita no caminho. Repousa sua cabeça sobre uma pedra, adormece e sonha que por uma escada apoiada sobre a terra anjos subiam e desciam do Céu. Ao alto, Deus se apresentou a Jacó comunicando a sua missão. Ao despertar, Jacó viu aquele como um local sagrado, um portal de comunicação com o Altíssimo e a esse local denominou Betel.

A ideia de um único local onde ocorresse a manifestação de Deus, daria lugar, no final do primeiro milênio do cristianismo, a uma reformulação do espaço sagrado católico, que passaria a abrigar, além do altar principal, altares secundários, com o objetivo de expor as relíquias de santos, enquanto se intensificava o ideal de peregrinação (ROQUE, 2004, p. 13), o que poderia acarretar o aumento da arrecadação de dízimos e estimular a produção e o comércio nas diversas localidades, nas rotas das manifestações religiosas. Assim como ocorre no sonho de Jacó, entende-se que o contato com o sagrado envolve a presença de intermediários que, nas diversas religiões serão diferentemente designados. Na Igreja Católica, esses intermediários são anjos ou pessoas que em sua vida terrena superaram dificuldades exemplificando sua fé por meio de sua conduta e dos valores cristãos, sendo chamados de santos.

Ao longo dos séculos a Igreja entendeu que para os fiéis, a compreensão e assimilação de normas de conduta, seria favorecida pela presença de imagens representativas dos santos, o que se passou a realizar em pinturas ou esculturas, repetindo-se nos espaços umbandistas como observado pelo Capitão José Alvares Pessoa na década de 1950, em carta endereçada a Woodrow Wilson da Mata e Silva (W.W. da Mata e Silva) (PESSOA, J. A. apud SILVA, 1996. p. 45-46).

Para atrair os fiéis, as igrejas que não possuíssem relíquias passariam a erigir estruturas verticais atrás das mesas de altar (retábulos) para conter representações pictóricas ou escultóricas de temas iconográficos, particularmente da vida de Cristo, da Virgem Maria ou dos Santos padroeiros (ROQUE, 2004, p. 41).

Inicialmente de dimensões reduzidas e construídos com materiais diversos, os retábulos ocupariam o espaço disponível nas paredes posteriores às mesas de altares, monumentalizando-se a partir da passagem do românico para o gótico. As representações iconográficas presentes nos retábulos, passariam entre os séculos XIV e XV, a atrair tanta atenção, quanto a conferida pelos fiéis às mesas de altares (ROQUE, 2004, p. 43).

Após o Concílio de Trento (1545-1564), essas estruturas apresentariam os formatos dos arcos triunfais da Antiguidade, caracterizando de maneira subliminar a passagem do fiel vitorioso, intermediada pelo santo ao qual o retábulo fosse consagrado, como um modelo de conduta na busca pela superação das vicissitudes da vida e ideal de expressão da fé.

A Companhia de Jesus, faria intensificar a função simbólica associável aos elementos ornamentais componentes das estruturas retabulares, fazendo com que cada espaço nos retábulos, servisse para a transmissão de mensagens de conteúdo evangelizador e catequético, como potente reforço à liturgia.

No Brasil, seriam editadas as diversas tendências estilísticas ornamentais originárias da metrópole portuguesa, configurando nos retábulos, distribuídos pelos interiores religiosos, entre os séculos XVII e XIX, a função principal de destacar as imagens de culto. (FIG.1)

Figura1 – Retábulo-mor da Igreja de Nossa Senhora do Carmo (Itu, SP) – Foto: M. Bonazzi

A MIGRAÇÃO DOS MODELOS E AS MESCLAS RELIGIOSAS

Embora desde o período colonial o Brasil tenha convivido com forte direcionamento cristão, sobretudo católico, é inegável a presença de outras crenças nesta terra, inclusive anteriores a chegada dos europeus. A vinda de povos africanos para a colônia portuguesa, também traria entre outras contribuições a sua religiosidade e o culto aos diferentes Orixás, seres relacionados a forças da natureza, que assim como ocorre em outras culturas apresentam marcantes traços de personalidade. Os Orixás são também regentes dos seres humanos, influenciando sua personalidade e acompanhando sua jornada ao longo da vida.

Essas religiosidades gradativamente se amalgamaram, originando diferentes práticas religiosas associando elementos das culturas indígena, africana e europeia. Surgem novas religiões como o catimbó, o xangô, a macumba, candomblé e o candomblé de caboclo, a umbanda e outras (BASTIDE, 1971).

O uso de elementos da natureza (ervas, pedras, água, fogo, frutas etc) foi em muitos desses cultos, associado ao uso de imagens religiosas provenientes da tradição católica.Parte do repertório hagiográfico católico empregado para a evangelização seria incorporada por grupos provenientes da África que, proibidos de manifestar abertamente suas crenças, as associaram a modelos católicos, caracterizando um sincretismo religioso.

Essas práticas se deram em princípio associando a mitologia africana às historias das vidas dos santos católicos: Jesus, o Filho de Deus, seria associado a Oxalá; Nossa Senhora, a figura feminina que representa a maternidade, a beleza feminina seria associada a Iemanjá e Oxum; Santa Bárbara, seria associada a Iansã e assim por diante[2].

Convém destacar que diferentemente do catolicismo, que tem uma doutrina única, guiada por uma literatura básica, a umbanda embora tenha algumas diretrizes aplicáveis a grande parte dos templos, pode se manifestar em configurações diferenciadas, predominando traços católicos, espíritas, candomblecistas, esotéricos etc, recebendo denominações como Umbanda Tradicional, Umbanda Popular, Umbanda Branca, Umbanda Sagrada, Umbanda Omolocô etc.

Quanto ao uso de imagens, boa parte dos templos umbandistas utiliza representações de santos católicos (sincretizados como orixás)[3], orixás (representações baseadas na mitologia africana) e entidades desencarnadas denominadas guias, divididas em grupos relacionados à cultura brasileira como caboclos, pretos velhos, crianças, baianos, cangaceiros, boiadeiros, marinheiros, ciganos etc. Com finalidades protetivas reserva-se espaço, geralmente na entrada do templo, dedicado aos Orixás Exu e Pomba Gira, bem como às entidades a eles relacionadas.

[2] Ressalta-se que o panteão de Orixás é bastante extenso e as associações podem mudar de acordo com a região do país; um exemplo é São Jorge que na Bahia é associado à Oxossi e no Sudeste à Ogum.

Figura 2 – Congá da Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade (TENSP) (Cachoeira de Macacu, RJ) – Fonte: http://ahistoriadaumbanda.blogspot.com/2012/05/

As notícias da existência de cultos sincréticos em diversas localidades brasileiras, inclusive no Rio de Janeiro remontam ao século XIX, no entanto, oficialmente, foi em novembro de 1908, na cidade de Niterói, no Rio de Janeiro que um jovem médium, Zélio Fernandino de Moraes, inspirado por seu mentor espiritual o "Caboclo das 7 Encruzilhadas", cria a primeira casa umbandista do Brasil, denominada Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade (TENSP) , onde se formularia uma estrutura de altar para a exposição de um conjunto de santos católicos (TRINDADE, 2014, p. 117).

Analisando alguns dos registros fotográficos dessa casa, observa-se que o esquema básico do altar adotado por Zelio F. de Moraes, envolve o uso de uma estrutura triangular escalonada sobre a qual se distribuem as esculturas, como em um trono católico ibérico pós-tridentino. Zélio, vinha de uma família católica, tendo inclusive um tio padre, o que, portanto, nos leva a considerar essas referências fundamentais à estruturação do congá, com base nos altares católicos.

No alto desse congá está uma imagem de Nossa Senhora da Piedade (remetendo ao acolhimento dos sofredores). Logo abaixo está a imagem do Sagrado Coração de Jesus com os braços abertos e, abaixo dela, a imagem de São Jorge. Ladeando a imagem da Virgem, outras se distribuem à sua esquerda e direita (Santo Antônio, São Sebastião, São Benedito, São Cosme e São Damião, São Miguel Arcanjo, Santo Expedito, São Jerônimo, Santa Bárbara, Nossa Senhora da Conceição, Santana...). Em fotografias mais recentes, observa-se uma profusão de imagens de pequeno porte representando outros santos católicos como Santa Teresinha do Menino Jesus, São Judas Tadeu, Menino Jesus de Praga. Verifica-se assim que, embora se mantenha uma base original, a estrutura periférica é relativamente flexível quanto à disposição das figuras e demais objetos (vasos de flores etc) (FIG.2).

O congá da TENSP, é encimado pela imagem de um coração transpassado por uma flecha, símbolo esse presente também no ponto riscado do Caboclo das 7 Encruzilhadas, guia chefe do sacerdote daquele templo (e também no emblema dos agostinianos). Ao comparar a estrutura do referido congá com as ocorrências retabulares nos espaços católicos brasileiros entre os séculos XVII e XIX, é possível estabelecer analogias, seja pelo uso de emblema encimando a estrutura, da hierarquizante distribuição de imagens em estrutura triangular de acordo com as devoções predominantes naquela comunidade, reeditando-se um modelo retabular católico presente nas igrejas remanescentes do período colonial brasileiro, até o Concilio Vaticano II. (FIG.3).

[3] Ainda quanto à iconografia umbandista dos Orixás, destacamos que há duas representações de Santos/Orixás específicas da Umbanda: Iemanjá e Xangô. A imagem de Iemanjá, a senhora das águas salgadas, foi elaborada a partir das descrições da Sra. Dalla Paes Leme. A imagem de Xangô, o senhor da Justiça e das pedreiras, é uma figura sincrética que associa atributos iconográficos de São Jerônimo à figura de Moisés com as tábuas da lei.

Figura 3 - Retábulo-mor da Igreja da Ordem Terceira Franciscana (São Paulo, SP) – Foto: M. Bonazzi.

Figura 4 - Congá do Colégio de Umbanda Sagrada Pena Branca (São Paulo, SP) – Foto: acervo do Colégio de Umbanda Sagrada Pena Branca.

A estrutura triangular e escalonada aplicada ao congá do templo fundado por Zelio de Moraes tornou-se uma referência, a outras sete tendas no Rio de Janeiro e outras em São Paulo, assim como em outras localidades, embora seja possível localizar outros modelos de altares, inclusive com um único nível de exposição dos objetos e imagens. (FIG.4)

Com o objetivo de buscar maiores dados acerca da configuração desses congás e da escolha e distribuição das imagens nesses espaços, entrevistamos dirigentes espirituais de diferentes templos em São Paulo, onde foi possível entender que cada templo segue uma orientação o que, com frequência deriva do guia-chefe do sacerdote

Na maior parte das vezes o ponto mais alto, ou o centro do congá (em casos de se ter um único nível de imagens) é ocupado pela figura de Jesus (o Sagrado Coração, ou ainda o Redentor) representando Oxalá. Ladeando essa imagem distribuem-se outros santos que, na umbanda representam os Orixás que regem a "coroa" do dirigente, ou seja aqueles que o acompanham e influenciam inclusive a sua personalidade. Como ocorre no terreiro "Casa de Pai Benedito de Aruanda", em São Caetano do Sul, SP[4]. (FIG.5)

No entanto isso não é uma regra. Há casos em que a influência de elementos católicos é tão presente que determinados ritos muito tradicionais no catolicismo chegam a ser incorporados pelo terreiro como parte de sua ritualística, como pudemos observar no Centro Espírita de Umbanda Caboclo Itapuarê, que protege as imagens durante o período da Quaresma, realizando anualmente um cerimonia solene para a sua reapresentação no sábado de Aleluia (FIG.6).

Nesse terreiro são usadas predominantemente imagens católicas e, em seu congá, destacam-se as que representam as chamadas 7 linhas da Umbanda, sincretizadas nas figuras de Jesus Cristo, Santa Bárbara, Nossa Senhora da Conceição, São Sebastião, São Jorge, São Jerônimo, Santana, São Roque. Outras imagens secundárias compõem o conjunto que, segundo o dirigente do templo, foram indicadas pelo guia-chefe da casa[5].

Para os templos que seguem a linha da Umbanda Sagrada, por exemplo, é mais significativo contemplar os Tronos de Deus, que regem a fé, o conhecimento, o amor, a justiça, a lei, a evolução e a geração[6]. Cada trono é representado por uma dupla de Orixás o que no altar pode assumir a forma dos santos católicos, ou ainda elementos que simbolicamente remetam a suas cores (velas etc) (SARACENI, 2017, p. 63-67).

[4] Depoimento de Ronaldo Linares (Federação Umbandista do Grande ABC e Santuário Nacional da Umbanda, S. Bernardo do Campo, SP), aos autores. 15 set. 2017.
[5] Depoimento de Armando Ferrazzi Jr. (dirigente do Centro Espírita de Umbanda Caboclo Itapuarê, SP) aos autores em 30 ago.2017.[6]
[6] Depoimento de Alexandre Cumino (dirigente do Colégio de Umbanda Sagrada Pena Branca) aos autores em 09 ago 2017.

Figura 5 - Congá do Centro Espírita "Casa do Pai Benedito de Aruanda" (São Caetano do Sul, São Paulo). Foto: M. Bonazzi.

Há casos, no entanto em que as imagens são praticamente abolidas. O primeiro exemplo é o da Tenda Mirim, fundada em 1924, pelo médium Benjamim Figueiredo que, proveniente de uma formação espírita, discordava da relevância da presença de imagens nos templos umbandistas. Nessa casa, não é a profusão de imagens esculpidas que nos chama a atenção mas a dominante presença de uma única imagem tridimensional representando Jesus.

Já no "Templo Escola de Umbanda Sagrada, Egrégora Trabalhadores da Fé e da Verdade", em Bauru, SP, a ideia é contemplar os *7 Tronos de Deus da Umbanda Sagrada*, porém sem utilizar imagens católicas, senão uma representação bidimensional da figura de Cristo. Dessa forma, segundo seu dirigente, evita-se qualquer relação de submissão dessa religião a quaisquer modelos tradicionais. (FIG.7)

Um outro caso a se mencionar é o dos templos de Umbanda Esotérica que seguem as orientações do médium W.W. da Matta e Silva que condenava o uso de imagens, considerando essa uma prática inadequada com relação aos princípios doutrinários da religião. Para esse dirigente a religião já se tornara independente e que não havia mais a necessidade de aceitar as imagens tradicionais nos cultos como havia sido imposto a indígenas e africanos em tempos passados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No que diz respeito à estrutura retabular destinada nos altares católicos à exposição de imagens de culto, no universo umbandista, predominariam as tendências modernas, das primeiras décadas do século XX, ou seja, privilegiando a função sobre os aspectos decorativos, que seriam suprimidos, em favor de um bom desempenho, ou seja, abrigar e expor imagens de culto, velas e vasos de flores.

Desse modo, diferentemente das soluções tradicionalmente adotadas pela Igreja Católica, para a exposição de imagens de culto, que culminariam com a extrema elaboração e profusa ornamentação dos conjuntos retabulares, no universo umbandista, já concebido dentro do Modernismo, desde os primeiros congás se expressaria, por meio de estruturas geometrizadas, com formas puras e simples, a estética e os procedimentos técnicos do seu tempo.

Assim, o que se poderia chamar de conjunto retabular nos templos umbandistas, assume o papel de simples estruturas, destinadas a abrigar e expor as imagens de santos de tradição católica, sincretizados com os orixás das religiões africanas e as entidades pertencentes aos diversos grupos que compõe o panteão daquela jovem religião brasileira.

Figura 6 - Imagens de santos expostas no congá do Centro Espírita de Umbanda "Caboclo Itapuarê", (Caieiras, SP), cobertas durante a Quaresma – Foto: acervo do C.E.U. "Caboclo Itapuarê".

A multiplicidade de imagens que marcou os espaços católicos pós tridentinos pode ser encontrada até hoje nos espaços umbandistas, constituindo viva reminiscência de estruturas originalmente católicas que deixariam de estar presentes em seus templos a partir de determinações do Concilio Vaticano II, quando se passou a suprimir dos interiores dos templos católicos quaisquer excessos que porventura viessem a distrair a atenção dos fieis, como por exemplo a profusão de imagens.

REFERÊNCIAS

BASTIDE, Roger. As **religiões africanas no Brasil**: contribuição a uma sociologia das interpenetrações de civilizações. São Paulo: Pioneira, 1971.

CACCIATORE, Olga Gudolle. **Dicionário de cultos afro-brasileiros**: com a indicação de origem das palavras. 3ª. ed. revista. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1988.

CUMINO, Alexandre. **Historia da Umbanda**: uma religião brasileira. São Paulo: Madras, 2015.

CUNHA, Nobrega da. **O mistério da macumba – curiosas revelações sobre os ritos africanos no Brasil**. *Correio da Manhã*, 4 set. 1923, n. 8944. In DIAMANTINO, v. 3 – p. 59.

FERNANDEs , Paulo César da Conceição. As **Origens do Espiritismo no Brasil**: **Razão, Cultura e Resistência no Início de uma Experiência (1850-1914)**. Brasilia: Universidade de Brasilia (Mestrado - Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília/UnB), 2008.

LINARES R. A. e TRINDADE, D. F.. **Memorias da Umbanda no Brasil**. São Paulo: Ícone, 2011. p. 70-71.

Figura 7 - Congá do Templo Escola de Umbanda Sagrada, Egrégora Trabalhadores da Fé e da Verdade (Bauru, SP) – Foto: acervo do Colégio de Umbanda Sagrada Pena Branca

ROQUE, Maria Isabel Rocha. **Altar cristão: evolução até à reforma católica.** Lisboa: Universidade Lusíada Editora, 2004.

SARACENI, Rubens. **A magia divina das velas: o livro das sete chamas sagradas.** São Paulo: Madras, 2017.

SILVA, W.W. da Matta. **Umbanda de todos nós**. São Paulo: Ícone, 1996.

SILVEIRA, Renato. **Do calundu ao candomblé: os rituais de fé africanos ganham seu primeiro tempo no início do século XIX**. In: FIGUEIREDO, Luciano. (org.) **RAÍZES AFRICANAS.** Rio de Janeiro: SABIN, 2009.

TRINDADE, Diamantino Fernandes. **História da Umbanda no Brasil**. Limeira: Editora d Conhecimento, 2014.

VIDE, Sebastião Monteiro da., Feitler, Bruno, SOUZA, Evergton Sales. **Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010.